**EXPERIENCIAS DE UMA FORMAÇÃO ANTIRRACISTA E AFETIVA NO CONTEXTO DO ATELIÊ: PIBID COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGENS OUTRAS**

Tatiana Vasconcelos de Oliveira

tatiana.atelie@outlook.com

**Resumo**

O presente estudo consiste no exercício de revisitar a experiência proporcionada pela atuação como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) através do ponto de vista de uma pesquisadora e professora atelierista comprometida com uma educação diversa, política, ética e antirracista, docente em uma escola privada, progressista, situada na Zona Sul do Rio de Janeiro.  A intenção desse trabalho é tecer conexões com a minha vivência enquanto aluna-pesquisadora durante o meu tempo de bolsista PIBID e como esse caminho possibilitou traçar outros olhares sobre a  minha prática. Trata-se de um relato de experiência onde revisito os saberes que foram construídos a partir do cotidiano da escola pública com esse novo lugar que ocupo como pesquisadora e professora atelierista.  Por fim, busco estabelecer diálogos entre o ateliê, a partir da produção de Stela Barbieri (2021) e a busca por outras educações com Luiz Rufino (2021).

**Palavras-chave:** Docência ; PIBID; Currículo; Pedagogia decolonial

**Introdução**

Os novos paradigmas para a educação do século XXI sinalizam que é preciso articular de forma mais integrada teoria e prática nos cursos de formação docente. Nesta perspectiva, percebi que o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) vem incentivando aos bolsistas no início à docência com o intuito deles explorarem as teorias estudadas, refletirem sobre a própria prática a partir do contexto em que atuam, criando e diversificando as atividades acadêmicas, compartilhando saberes entre escola, universidade e comunidade para que o processo de ensino e aprendizagem seja significativo para todas as pessoas envolvidas. Estar no chão da escola era quase que um evento extraordinário na minha formação.

Dentre os objetivos do PIBID, destacam-se aqueles voltados para a formação de professores, qualificando do seguinte modo as ações acadêmicas a ela destinadas: fortalecer a escola pública como espaço de formação, e promover a necessária articulação das universidades com as redes públicas de ensino. Nessa perspectiva, entender a escola como ambiente de produção de conhecimento e formação docente indica uma ruptura com uma visão hierárquica sobre tais espaços, sujeitos e culturas, tornando possível uma leitura intercultural sobre o programa como aponta Miranda e Cavalcanti (2012)

No campo acadêmico há ainda resultados também interessantes, já que, de certa forma, isso obriga o pesquisador a todo momento refletir e aplicar suas teorias às realidades cotidianas das escolas e o faz enfrentar problemas advindos desse cotidiano em movimento. Além da reflexão teórica, participar do projeto faz com que se desenvolvam novas formas de ensino para as licenciaturas, legitimando os conhecimentos teóricos produzidos na academia. O programa de formação em questão contribui e impacta a qualificação tanto dos professores universitários quanto da Educação Básica e dos licenciandos, assim como provoca um impacto importante nos cursos de licenciatura, que nem sempre se mantêm presentes nos problemas cotidianos das escolas de Educação Básica.

Os profissionais, ao se envolverem com o Programa, se inserem num movimento de formação continuada por meio de cursos e em desenvolvimento de projetos na escola junto com os licenciandos. Por outro lado, os coordenadores de área – professores universitários – passam a participar também da rotina da Educação Básica, qualificando as atividades curriculares desenvolvidas na universidade. Dessa forma, há uma interlocução entre a Universidade e a Educação Básica, parceiras na formação dos futuros professores.

No presente trabalho compartilho um relato de experiência onde grandes atravessamentos se fazem. O ateliê - esse espaço de criação - é a garantia de um espaço dentro de uma escola particular de prática da vida, de experiência, de ritual de vitalidade, por outra relação com o tempo, o espaço e o corpo. Acredito na educação que afirma a vida. A partir dessa afirmativa, possibilito um espaço para conversas, um lugar de convivência e movimentos que dialogam com a nossa ancestralidade, nossas memórias e afetos. Sempre comprometido com uma educação antirracista e intercultural. Visando pensar como outras educações nos convocam a incorporar perspectivas emancipatórias que possam incidir na movimentação curricular, segundo Miranda  (2022), defendo que é nesses espaços que outras pedagogias encontram frestas para desenvolver-se e dialogar entre si. O processo educacional não se dá apenas na transmissão do saber, para além, o processo educacional se dá em todas as vivências realizadas nas instituições escolares. Quanto mais férteis, inventivas e plurais essas vivências  forem, melhores serão as influências na vida dos(as) estudantes,  o que estrutura na práxis uma educação antirracista e decolonial.

**Metodologia**

Metodologicamente me aproprio das experiências vividas como professora atelierista e rememoro os aprendizados como bolsista PIBID para reconhecer a importância do programa na formação docente. Reviso materiais bibliográficos como a monografia  “PIBID ENSINO MÉDIO: VIVÊNCIAS DE FORMAÇÃO DOCENTE NO COLÉGIO ESTADUAL JÚLIA KUBITSCHEK (CEJK)” de minha autoria que foi construída a partir dessa vivência para por fim estabelecer diálogos entre o ateliê, a partir da produção de Stela Barbieri (2021), e a busca por  outras educações com Luiz Rufino (2021).

**Discussão**

Desde o início, o Programa apresentou-se com um duplo objetivo: por um lado, integrar-se a um conjunto de ações que visam à formação inicial e a permanência na docência junto aos estudantes de licenciaturas e, por outro, contribuir para a elevação dos processos de aprendizagem de alunos, em especial de escolas que apresentam baixo IDEB.

O exercício de refletir sobre a experiência *pibidiana* em um novo lugar, possibilita grandes afetamentos. Na minha prática como professora atelierista busco trazer para o cotidiano com as crianças uma nova forma de vivenciar a escola, onde a experiência estética é vivida, onde o tempo é sentido de outras formas, onde as referências de trabalho são pensadas a partir de um repertório crítico, político, diverso e inventivo. Onde os saberes populares são valorizados, as linguagens são múltiplas, o corpo tem vez de se manifestar, as relações interpessoais são valorizadas, um lugar onde, o vigor, a alegria e o belo se manifestam. O  ateliê é a forma que manifesto meu trabalho, que pode ser físico ou não. Podemos viver o estado de ateliê: uma forma de experienciar a vida, que vai além de um espaço com propostas, mas uma forma de sentir e de se relacionar . Ou de fato um espaço em que o material, a materialidade, o experienciar, o sentir, o fazer, o brincar se entrelaçam. Como afirma Stela Barbieri (2021, p.18 ):

Um ateliê não se restringe ao espaço físico, nem à arte, às obras de arte. O ateliê está em nossa cabeça, pode ser vivido em qualquer lugar, é uma maneira de olhar o mundo. Pode acontecer em uma boa conversa, em um encontro no ponto do ônibus com alguém que não vamos mais encontrar, olhando o alto da montanha ou simplesmente separando a gema da clara enquanto cozinhamos. São Estados de uma presença simbólica e sensível diferenciada, de uma abertura para o que estamos vivendo.

O meu papel como educadora nesse espaço é de ser articuladora desse corpo coletivo, buscando na minha prática me manter firme no compromisso com uma educação antirracista, sensível e afetiva. Procuro, como sugere Tassinari (2009, p. 20),  “a possibilidade de reconhecer nas crianças potencialidades de participação social que lhes negamos quando as definimos exclusivamente a partir do modelo de criança/aluna.” O ateliê tem uma proposta outra que surge a partir das minhas inquietações como docente e pesquisadora.

Na busca por valorizar saberes outros, venho me aprofundando sobre o vasto campo de artistas visuais negros e indígenas com vivencias mais plurais e autenticas, cujas práticas se manifestam a partir de questões raciais, sociais, étnicas, territoriais, de gênero e políticas de vida, com ênfase naqueles que estão desenvolvendo pesquisas artísticas nas periferias e através delas.

Com a minha turma, que compreende alunos de 6 à 10 anos, costumo iniciar as manhãs com uma proposta na mesa principal do espaço ateliê. Sempre seleciono algumas obras de um artista contra hegemônico, edito o material com informações gerais sobre o artista, lugar que nasceu, onde vive, quais as os suportes são utilizados em suas obras, um pouco do percurso de forma resumida. Todas essas informações ficam acessíveis (de forma impressa) o tempo todo para as crianças. Nesse primeiro momento acontece sempre uma conversa; como a chegada das crianças acontece de forma fragmentada, a experiência da vivência também é atravessada por esses outros tempos que interferem na forma em que a proposta acontece e como as crianças recebem. Essa vivência se repete no passar dos dias, como um ritual; mudam os artistas, mas a prática sempre acontece. Não são todas as crianças que participam todos os dias, mas todas em algum momento são atravessadas por ela e esses atravessamentos se dão de inúmeras formas. Essas experiências geram inúmeros diálogos que reverberam em outros campos sensíveis e com desdobramentos que se dão em outros suportes artísticos; ou seja, as experiências atravessam todas as atividades, pois elas atravessam a subjetividade daqueles que participam desse cotidiano.

As crianças costumam perguntar qual artista elas irão conhecer no dia e, nesse movimento, vão construindo sua autonomia nas pesquisas, ampliando seus repertórios e decolonizando os saberes. A curadoria desses artistas possibilita um encontro crítico com a arte, criando um contraponto ao investimento dos meios de comunicação e das redes sociais e da falta de reportórios de arte contra hegemônicas, estabelecendo assim um ambiente propício para as crianças pensarem o mundo através de outros olhares. Como afirma Rufino ( 2021, p.17):

“somos seres de experiência. Tudo que se passa na vida nos atravessa, nos altera e faz com que cada um de nós seja único, mas habitado por muitos e nessa multidão singular tecemos uma rede infinita de aprendizagens.”

O ateliê é esse espaço de convivência que possibilita, a partir do encontro, do próprio espaço como ele é organizado, das propostas, dos ritos, dos desejos, um lugar fértil para pensar a vida. Percebemos que o PIBID possibilita uma ponte que contribui para a formação docente e julgamos que esta é uma política interessante e acertada dentro da proposta de melhorar a qualidade da formação de futuros professores por antecipar o ingresso de licenciados no contexto escolar e minimizar o choque dessa realidade. Todo tempo que pude vivenciar o PBIBID foi fundamental na construção de uma educadora comprometida com uma educação emancipatória.

**Considerações finais**

  Tal espaço representa a ampliação dos currículos escolares e universitários, defendo que são nesses espaços onde outras pedagogias encontram brechas para desenvolver-se e construir diálogos interseccionais. Com base no exposto podemos afirmar que o processo educacional não se dá apenas na transmissão do saber, para além disso o processo educacional se dá em todas as vivências realizadas nas instituições escolares. Quanto mais férteis, inventivas e plurais essas vivências  forem, melhores serão as influências na vida dos estudantes, fortalecendo assim, uma educação antirracista e afetiva.

A cultura do ateliê contribui infinitamente como um espaço tempo possível de novas formas de pensar educação, como um espaço de criação, experimentação, movimento, um espaço sensível, mobilizador, transgressor e inacabado. Onde os saberes se articulam com a vida. Um lugar político, ético e estético. É por tudo isso que considero que tecer esse diálogo com meu percurso enquanto aluna pesquisadora PIBIDIANA se faz urgente e necessário para alinhavar outras formas de pensar educação.  O ateliê segue  sendo uma encruzilhada entre afeto, cuidado e antirracismo.

**Referências**

BARBIERI, Stela. Territórios da Invenção: ateliê em movimento *l Stela Barbieri -1.ed- São Paulo*: Jujuba, 2021.128 p.; 28 cm.

MIRANDA, Claudia; CAVALCANTI, Elizabeth C. Mediações didáticas interculturais, pluriversidade e formação docente em uma escola de ensino médio no Rio de Janeiro. Anais do XVI ENDIPE. Campinas, 2012.

RUFINO, Luiz. Vence- Demanda: educação e descolonização, p. 17, 2021

RUFINO, Luiz. Vence- Demanda: educação e descolonização, p. 75, 2021

TASSINARI, Antonella. Múltiplas Infâncias: o que a criança indígena pode ensinar para quem já foi à escola. 33º Encontro Anual da Anpocs: GT 16: Do ponto de vista das crianças: pesquisas recentes em ciências sociais., [*S. l.*], p. 1-24, outubro 2009.